

A poesia na biblioteca escolar: análise das marcas da escrita feminina no acervo do PNBE 2013

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira¹
Lucas Mateus Vieira de Godoy Stringuetti²

Resumo

Este texto tem por objetivo refletir sobre o discurso feminino nas obras literárias poéticas que compõem o acervo de 2013 do PNBE– Programa Nacional Biblioteca da Escola, destinado às séries finais do Ensino Fundamental. Mais especificamente, pretende-se detectar como as escritoras representam sua enunciação visando ao público jovem e averiguar se tais obras possuem potencialidades estéticas e emancipatórias para seu leitor, ampliando seus horizontes de expectativas. Para a consecução deste objetivo, a partir do aporte teórico da Estética da Recepção, as seguintes obras são analisadas: *Adolescente Poesia* (2010), de Sylvia Orthof, *Estação dos Bichos* (2011), de Alice Ruiz S. e Camila Jabur, e *O Mar e os Sonhos* (2011), escrito por Roseana Murray.

Palavras-Chave: acervo PNBE 2013, séries finais do ensino fundamental, gênero poema, autoria feminina

Poetry in the school library: analysis of the signs of female writing in the 2013 PNBE collection

Abstract

This text aims to reflect on women's speech in poetic literary works which make up the 2013 collection of the PNBE- National School Library Program intended for the final grades of elementary school. More specifically, it is intended to detect how female writers represent their enunciations aimed at young people and to verify if such works have aesthetic and emancipatory potential for their readers in terms of broadening their horizons of expectations. To achieve this goal, based on the theoretical contributions of the Aesthetics of Reception Theory, the following works were analyzed: *Adolescente Poesia* (2010), written by Sylvia Orthof, *Estação dos Bichos* (2011), by Alice Ruiz S. and Camila Jabur, and *O Mar e os Sonhos* (2011), by Roseanna Murray.

Keywords: 2013 PNBE Collection; Final grades of Elementary School; Poetry; Female Authors

¹Professora Doutora do curso de graduação e pós-graduação da Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus de Assis. Membro do Grupo de Pesquisa "Leitura e Literatura na Escola", da UNESP, campus de Assis.

²Discente do curso de Letras da Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus de Assis. Formado em História, atualmente, também é mestrando em História pela UNESP, campus de Assis.

| | | | | |
|---------|--------|------------|--------|----------------|
| Textura | Canoas | v. 19 n.41 | p 5-29 | set./dez. 2017 |
|---------|--------|------------|--------|----------------|

INTRODUÇÃO

A fecundidade da palavra escrita suplanta os interesses de dominação atribuíveis aos manipuladores dos meios de comunicação e encontráveis nas falas dos donos da opinião, bem como no jargão dos senhores do Estado e da economia. (ZILBERMAN, 2001: 7-8).

Apresentar uma reflexão acerca da escrita feminina que se efetiva no domínio discursivo ficcional a que o gênero poema pertence, na modalidade escrita de uso da língua, significa tratar de cultura. Entende-se, neste texto, *cultura* em seu conceito antropológico, conforme Alfredo Bosi (1996: 319), como “[...] conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social [...]”. Por sua vez, entende-se *obra* ou *livro*, em consonância com Edmir Perrotti (1990: 99), como memória, documento em que “[...] a humanidade, através dos séculos, vem registrando e projetando suas lutas, medos sonhos e esperanças – sua cultura.” Justifica-se, então, refletir sobre as obras de autoria feminina, sobretudo, se considerarmos a afirmação de Elaine Schowalter sobre a escrita da mulher, a qual argumenta que esta se configura como um discurso de duas vozes que personificam “[...] as heranças social, literária e cultural, tanto do silenciado quanto do dominante” (1994: 50). Por sua vez, ao se tratar de cultura na contemporaneidade, faz-se necessário observar os meios pelos quais ela circula, seus processos de produção e de recepção.

Neste texto, procuramos compreender a leitura disponível que circula pela biblioteca escolar da rede pública, composta pelos acervos literários do PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola, destinado às séries finais do Ensino Fundamental. Mais especificamente, temos como objetivo refletir sobre o discurso feminino presente nas obras literárias poéticas que compõem o acervo PNBE 2013, buscando detectar como as escritoras o representam visando ao público jovem. Cabe destacar que este texto reflete parte de uma pesquisa científica, desenvolvida em 2014, com financiamento da Fundação para o Desenvolvimento da Unesp (FUNDUNESP).

Criado em 1997, o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, foi instituído “[...] por meio da Portaria Ministerial n. 584, que substituiu programas anteriores de incentivo à leitura e de distribuição de acervos às bibliotecas escolares implementados pelo MEC desde 1983” (BERENBLUM, 2006: 11), e executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

– FNDE, em parceria com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação – SEB/MEC. O PNBE tem por objetivo “[...] democratizar o acesso a obras de literatura infantil e juvenis, nacionais e estrangeiras, bem como o acesso a materiais de pesquisa e de referência a professores e alunos das escolas públicas brasileiras.” (MACIEL, 2008: 11). A criação desse Programa denota, então, que ações relacionadas à leitura e formação de leitores foram otimizadas, refletindo o valor simbólico que ambas adquiriram para o governo, para os órgãos e instituições compromissados com a educação.

Quanto ao procedimento de distribuição de obras, conforme Portal do MEC (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2014), é feito em anos alterados:

[...] em um ano são contempladas as escolas de educação infantil, de ensino fundamental (anos iniciais) e de educação de jovens e adultos. Já no ano seguinte são atendidas as escolas de ensino fundamental (anos finais) e de ensino médio. Hoje, o programa atende de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar.

O Programa efetiva-se, por meio de três ações que, respectivamente, privilegiam gêneros diversos, a primeira avalia e distribui obras literárias,

[...] cujos acervos literários são compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônica, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de história em quadrinhos; o PNBE Periódicos, que avalia e distribui periódicos de conteúdo didático e metodológico para as escolas da educação infantil, ensino fundamental e médio e o PNBE do Professor, que tem por objetivo apoiar a prática pedagógica dos professores da educação básica e também da Educação de Jovens e Adultos por meio da avaliação e distribuição de obras de cunho teórico e metodológico. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2014)

Para o PNBE:

A apropriação e o domínio do código escrito contribuem significativamente para o desenvolvimento de competências e habilidades importantes para que os educandos e educadores possam transitar com autonomia pela cultura letrada. O investimento contínuo na avaliação e distribuição de obras de literatura tem por objetivo fornecer aos estudantes e seus professores material de leitura variado para promover tanto a

leitura literária, como fonte de fruição e reelaboração da realidade, quanto a leitura como instrumento de ampliação de conhecimentos, em especial o aprimoramento das práticas educativas entre os professores. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2014).

Quanto à composição dos acervos, há publicações de editais para submissão de obras. No edital de 2006 (FNDE, 2014), pôde-se observar a discriminação dos acervos, divididos em três, cada um composto por 75 títulos:

4. DA COMPOSIÇÃO DOS ACERVOS

4.1. Serão formados 03 (três) acervos distintos, compostos por obras que demandem diferentes competências de leitura por parte dos alunos.

4.1.1. Cada acervo será composto por 75 (setenta e cinco) títulos, contemplando textos de:

1 - poesia;

2 - conto, crônica, teatro, texto da tradição popular;

3 - romance;

4 - memória, diário, biografia;

5 - livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos, dentre os quais se incluem obras clássicas da literatura universal artisticamente adaptadas ao público jovem.

4.2. Serão aceitas traduções e adaptações. Os critérios de tradução e adaptação utilizados e sua adequação ao público leitor serão também avaliados, conforme consta do anexo IV deste edital.

4.3. Serão aceitas antologias, desde que se explicitem, em prefácio, o(s) critério(s) que justifique(m) a organização. Os critérios utilizados na organização e sua adequação ao público a que se destina(m) também serão objeto de avaliação.

4.4. Serão selecionadas 225 (duzentos e vinte e cinco) obras para a composição de acervos a serem distribuídos às escolas públicas que ofereçam as séries finais do ensino fundamental.

Durante as pesquisas, com relação ao acervo dos anos finais do ensino Fundamental do PNBE 2013, detectou-se que, das 180 obras presentes nesse acervo, somente, três livros eram de autoria feminina e pertenciam ao gênero poema, com uma única autora (PORTAL MEC, 2017). Havia coletâneas, em que apareciam um texto ou outro de autoria feminina, contudo, fizemos nosso recorte em obras com um único autor.

Conforme dados do FNDE, sobre o PNBE 2013, os acervos distribuídos do 6º ao 9º ano, objetos de estudo deste trabalho, somaram 50.556, beneficiando 86.794 escolas, 12.339.656 alunos. No total, foram 5.207.647 livros distribuídos, com investimento total de 56.677.338,63:

| Ano de Aquisição | Segmento de Ensino | Acervos Distribuídos | Escolas Beneficiadas | Alunos Atendidos | Livros Distribuídos | Investimento Total R\$ |
|------------------|--------------------------------------|----------------------|----------------------|------------------|---------------------|------------------------|
| PNBE 2013 | Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) | 50.556 | 86.794 | 12.339.656 | 5.207.647 | 56.677.338,63 |
| | Ensino Médio | 19.144 | 36.981 | 8.780.436 | 2.218.884 | 29.704.045,58 |

Tabela 1 – Aquisições PNBE(FNDE, 2015)

Conforme critério de atendimento do PNBE 2013, pôde-se observar que foram distribuídas 180 obras, em três tipos de acervos, cada uma com 60 títulos diferentes, para o Ensino Fundamental e Médio, conforme quadro a seguir:

| Ano de aquisição | Segmento de Ensino | Quantidade de Obras | Quantidade de Obras por Acervo | Critério de Atendimento |
|------------------|-----------------------------------|---------------------|---|--|
| PNBE 2013 | Anos Finais do Ensino Fundamental | 180 | 3 tipos de acervos com 60 títulos diferentes cada | Escolas com até 250 alunos: 1 acervo |
| | | | | Escolas com 251 a 500 alunos: 2 acervos diferentes |
| | Ensino Médio | 180 | 3 tipos de acervos com 60 títulos diferentes cada | Escolas com mais de 500 alunos: 3 acervos |

| | | | | |
|--|--|--|--|------------|
| | | | | diferentes |
|--|--|--|--|------------|

Tabela 2 – Acervos PNBE 2013(FNDE, 2015)

Constatamos que o PNBE define uma listagem de gêneros textuais, por meio da qual classifica as obras que compõem seu acervo, respectivamente: obras clássicas de literatura universal, poema, conto, crônica, novela, teatro, texto de tradição popular, romance, memória, diário, biografia, relatos de experiência, livros de imagem e histórias em quadrinhos.

A ausência de estudos específicos, os quais se voltem para aspectos linguísticos e recursos estilísticos pontuais de uma obra, que acabam por compor certa cartografia atrelada à especificidade da obra juvenil e de um gênero literário (CECCANTINI, 2004: 33), no caso, o poema de autoria feminina, destinado a esse público, é notória. Sobretudo, faltam estudos que considerem como se configura a escrita feminina enquanto outro lugar nos discursos hegemônicos e em suas representações sociais. Para Teresa de Lauretis, existem pontos cegos, espaços sociais nas margens de tais discursos, pois estes estão “[...] entalhados nos interstícios das instituições e nas fendas e brechas dos aparelhos de poder-conhecimento” (1994: 237). Vale refletir, então, de acordo com Flávia B. Ramos e Marli C. T. Magangoni (2013: 105), como se afirmam os implícitos na produção cultural das mulheres, no nível da subjetividade e da autorrepresentação.

Justifica-se esta escolha, pois este acervo não foi considerado em estudos sobre a escrita feminina. Na análise das obras, procuramos investigar as marcas do feminino na construção desses produtos culturais que se apresentam como provocação para que o jovem lhes atribua sentidos, bem como a si mesmo e ao seu entorno. Nessa dialogia entre obras e público jovem leitor, as mulheres também apresentam formas singulares de exercer e transgredir sua condição. Interessa, então, analisar que formas são essas.

Para tanto, observamos que das 180 obras, apenas, 16 pertenciam ao gênero poema (8,88%), conotando que se trata de um gênero com produção mais restrita, em especial, direcionada ao público juvenil³. Destas, 11 eram de

³ Essa dedução pôde ser constatada pelos dados elencados por Aparecida Paiva (2012: 304-305), quanto à quantidade de obras do gênero poema submetidas, conforme editais do PNBE, e

autoria masculina (6,11%); quatro de autoria feminina (2,22%), mas destas, uma, embora em verso, era narrativa. Havia, ainda, duas coletâneas com vários autores. Optamos, então, por analisar as três obras poéticas de autoria feminina, destinadas às séries finais do Ensino Fundamental: *Adolescente Poesia* (2010), de Sylvia Orthof, *Estação dos Bichos* (2011), de Alice Ruiz S. e Camila Jabur, e *O mar e os sonhos* (2011), escrito por Roseana Murray. Em nossas análises priorizamos o levantamento de semelhanças paradigmáticas entre essas obras que permitiram aos pareceristas aproximá-las e caracterizá-las como pertencentes ao domínio discursivo ficcional, na modalidade escrita da língua, pertencente ao gênero poema. Também, almejamos analisar os recursos estilísticos empregados pelas autoras, bem como a estrutura de comunicação subjacente aos seus vazios.

Neste texto, objetiva-se, ainda, mais especificamente, contribuir para o avanço da crítica literária acadêmica de literatura juvenil no que concerne à formação do leitor e os estudos sobre o poema de autoria feminina; e oferecer aos mediadores de leitura critérios, por meio dos quais, possam distinguir obras literárias de utilitárias e didático-moralizantes, uma vez que a literatura juvenil nasceu atrelada aos interesses adultocêntricos de educação moral dos jovens.

Para Andreas Huyssen (1997: 20), a valorização da memória é sinal potencialmente saudável de contestação, sobretudo, do hiperespaço informacional, e uma “[...] expressão da necessidade humana básica de viver em estruturas de temporalidade de maior duração.” Todavia, para que haja a constituição de uma memória literária, requer-se oferta variada de materiais para a leitura, de um lastro, de um repertório que assegure uma biblioteca vivida (FERREIRA, 2009). Para que esta biblioteca exista, faz-se necessária a conscientização da dialogia entre textos, pois esta amplia o diálogo entre leitor e texto para entre o texto em questão e outros textos contemporâneos ou não, verbais e/ou visuais, e finalmente, para entre leitor e outros leitores. Vale destacar, então, a importância dos acervos do PNBE enquanto meio para assegurar a constituição da memória, o acesso à cultura e à diversidade de uso da linguagem nos diferentes gêneros textuais.

selecionadas. Assim, em 2006, das 175 obras submetidas, 33 foram selecionadas; em 2009, das 199, 66; em 2011, das 125, 27. No que concerne ao gênero romance, nos mesmos anos, foram submetidas respectivamente: 557, 659 e 701; destas foram selecionadas: 66, 201 e 69. Portanto, respectivamente, o gênero poema teve cerca de 30% a menos de submissão do que o gênero romance.

Como pressupostos, esta pesquisa concebe autor enquanto sujeito social e histórico; leitura como produção de sentidos que permite emergir a biblioteca vivida, a memória de leituras anteriores e de dados culturais; obra literária como produto estético que só se concretiza na interação autor-obra-público.

Assim, para a análise das três obras que compõem o acervo PBNE 2013, pertencentes ao gênero poema, recorre-se a elementos de Estética da Recepção em busca de detectar como se efetiva a estrutura de comunicação, conforme Wolfgang Iser (1999), em cada uma e como se representa a voz feminina, bem como se apresenta ao seu público leitor.

POESIA E INDIVIDUAÇÃO

A obra *Adolescente Poesia* foi escrita e ilustrada por Sylvia Orthof em 1996. Neste trabalho, analisamos a edição de 2010, pela editora Rovel. A autora, filha única de um casal de imigrantes, nasceu em três de setembro de 1932, no Rio de Janeiro. Seus pais eram judeus austríacos e fugiram para o Brasil entre as duas guerras mundiais. Sua paixão pelas artes levou-a a estudar desenho, pintura, mímica e arte dramática. Realizou seus estudos de teatro em Paris, na Escola de Teatro fundada por Jean-Louis Barrault e foi aluna de Mímica de Marcel Marceau (COELHO, 1995). No retorno ao Brasil, trabalhou no grupo de teatro de Paschoal Carlos Magno, Artistas Unidos. Ao se mudar para São Paulo, atuou no Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), no qual contracenou com Cacilda Becker e Walmor Chagas. Ao se casar, transferiu-se para Brasília, tornando-se professora de teatro na Universidade de Brasília, Coordenadora de Teatro do SESI e programadora do *Teatro do Candanguinho* (TV Brasília). Na área de dramaturgia infantil, iniciou como autora de textos. De volta ao Rio, em 1975, funda a Casa de Ensaio Sylvia Orthof, voltada somente para espetáculos infantis. Sua produção chamou a atenção de Ruth Rocha que a convidou para ser colaboradora da Revista *Recreio*. Conforme Nelly Novaes Coelho, Orthof teve “[...] uma das carreiras mais fecundas [...] da literatura infantil brasileira uma das mais ricas do mundo ocidental” (1995: 1063).

Conforme dados biográficos dispostos ao final de *Adolescente Poesia*, Sylvia teve, na infância, duas contadoras de história: sua mãe e sua professora Rosalina. Sua inspiração para representar no palco proveio da peça *Hamlet*, de Shakespeare, a qual assistira aos quinze anos de idade (2010: 46). Os demais dados informam que se casou duas vezes, teve três filhos e publicou, em 1981, seu primeiro livro. Vários foram contemplados com prêmios que revelam seu reconhecimento público. No entanto, tais dados biográficos da autora se

apresentam com fins publicitários, buscando dar ênfase em suas produções e premiações. Embora o paratexto exalte as qualidades da autora, o texto manifesta informações que podem não cativar o jovem leitor, mas sim o adulto mediador de leituras.

Em sua produção, a autora explorou diversos gêneros literários, como romances, contos, poemas e teatro. Embora a tenha iniciado tardiamente, aos 40 anos de idade, a autora foi consagrada como uma das maiores escritoras infantis do país. Ganhou diversos prêmios por suas obras, entre eles, 13 títulos premiados com o selo “Altamente Recomendável para Crianças”, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ. Viveu seus últimos anos de vida em Petrópolis, produzindo literatura. Em 1997, faleceu no dia 24 de julho, aos 64 anos.

Adolescente Poesia, de Sylvia Orthof, possui como temática a individuação, trata-se de um único poema, dividido em dezesseis partes, algumas com uma ou duas estrofes. Sua abordagem sensível, voltada para o universo adolescente, põe em relevo as emoções juvenis, como: a rebeldia, os sonhos, as ilusões, a descoberta da sexualidade e os temores advindos dela, e os desejos de liberdade. Como também trata de temas universais e filosóficos, como a existência e o amor, refletindo sobre a alma humana, a obra se enquadra na categoria pós-moderna *crossover*, pois pode ser lida, conforme Ana Margarida Ramos e Diana Navas (2015), por todas as idades e públicos distintos. Para Eliana Yunes (2013) trata-se de uma “literatura de fronteira”, pois aborda questões filosóficas e culturais, além de se configurar como local do cruzamento entre o histórico e o literário. Justamente, por isto, dirige-se a públicos de diferentes idades.

A capa do livro produz atmosfera onírica, seu fundo azul escuro favorece a remissão à hora do sono, mais propriamente ao sonho, por meio do qual se pode ver a lua com asas em céu nublado e uma janela escancarada, pela qual escapam essas projeções imagéticas. Desse modo, a capa convida o leitor à liberdade de expressão e ao devaneio. Sua quarta capa reforça essa ideia e, com fins publicitários, elucida para o mediador o conteúdo do poema e sua abordagem capaz de seduzir o jovem leitor: “Uma viagem, vários caminhos e um adeus visíveis neste *Adolescente poesia* deixam no leitor um ar nostálgico e uma mensagem exaltada e lírica repleta de sentimentos comuns aos corações juvenis [...]” (ORTHOF, 2010).

Seu projeto gráfico-editorial revela seu público-alvo: o jovem, pois há ilustrações em todas as páginas que, embora abstratas e evocadoras do onírico,

pelos traços simples, geram identificação com esse leitor, pois conotam que foram feitas à mão e com lápis preto. Todas as páginas possuem fundo colorido, com tons intensos de vermelho, amarelo, verde escuro e claro, azul escuro e claro, roxo, lilás, vinho, rosa, mostarda, pink e ocre. Sobre este fundo, as ilustrações aparecem em quadros que os recortam em cor diversa, conferindo-lhes destaque. Uma ilustração antecede cada estrofe, aparecendo sozinha em uma página. Essa mesma ilustração, mas de forma reduzida, que lhe destaca algum detalhe, encima a estrofe. A estrofe, por sua vez, aparece escrita em fonte na cor preta e possui brevidade, respeitando o fôlego do jovem leitor.

Antecede a primeira estrofe a ilustração da capa. No plano detalhe, em cima da estrofe, destaca-se a janela, pela qual escapam devaneios. Justamente, a estrofe que a acompanha apresenta a definição de adolescência: “Adolescência é janela/que se abre em ventania./Há cantigas nas palavras/ousadas?” (ORTHOF, 2010: 7). Por meio da metáfora “adolescência é janela em ventania”, podemos interpretar que a obra também remete a fase da adolescência, marcada pelo desejo de liberdade e pelos arroubos das emoções, em que o jovem se identifica com essa leitura. Instaurando vazios em seu texto, o “eu lírico” pode provocar seu leitor a uma reflexão metalinguística, por meio de uma pergunta sobre a musicalidade nas palavras, não quaisquer, mas as “ousadas”. Justamente, este epíteto pode levá-lo a notar a presença da aliteração em /s/ que avulta nos vocábulos “adolescência”, “cantigas”, “palavras”, além de “ousadas”. A aliteração, por sua vez, marca o emprego da linguagem de forma irreverente, musical. Essa impressão é reforçada pelas rimas externas da próxima estrofe: “No invento das ideias/sopram ventos-caravelas./Quantos cantos de sereias!/Odisseias?” (2010: 9). Nota-se, novamente, a pergunta dirigida ao leitor. Por meio deste recurso, o “eu-lírico” elege a comunicação em sua forma interativa: dialógica, o que torna a leitura atraente para o jovem, pois este se sente considerado no relato (ISER, 1999).

A relação entre imagem e texto, também, revela-se interativa. Um exemplo pode ser visto na sexta parte, em que acompanha a ilustração de uma boca dotada de asas, na folha que antecede a estrofe – “Em todo beijo eu te invento,/em ti eu me adolescente./Ai, pensamento ferido!/Não digo e digo?/A doideira é uma idade/que se acorrenta comigo./Verdade.” (2010: 19) – e na ilustração-detalle que a encima, vê-se apenas a boca. Trata-se, no poema, da descoberta do desejo que se concretiza no beijo, mais especificamente, na boca. As asas, por sua vez, associadas à ilustração da boca, revelam que esse

beijo pertence ao sonho, ao inatingível, por isso, o “eu lírico” o inventa em todo beijo que vê ou fornece. Por causa do amor despertado, ele se “adolescenta”, sente-se “adoecido” pela paixão e pela idade que o “acorrenta”. Em síntese, sofre, tem seu “pensamento ferido” e se sente “doido”, enlouquecido. Nota-se a delicadeza da autora, ao tratar das paixões juvenis, associando-as à sensação de dor, mas também ao humor: à “doideira”. Para tanto, usa recursos como o neologismo: “adolescento”; metáfora: “A doideira é uma idade”; hipérbole: “que se acorrenta comigo”; e metonímias: “Em todo beijo eu te invento”. Pela leitura, o jovem pode ampliar suas referências estéticas, pois revê seus conceitos prévios sobre o uso da linguagem, notando-a desautomatizada, pois em desvio poético. Além disso, ao se reconhecer nas emoções hiperbólicas próprias da adolescência e, ao rir dos seus exageros, consegue enfrentá-las, pois as racionaliza e as percebe como normais. Há, assim, uma emancipação do sujeito no reconhecimento das emoções próprias de sua idade e no fato de que, para lidar com elas, é preciso beleza, humor, poesia e leveza, enfim, senso crítico.

A linguagem se apresenta rica em recursos estilísticos, contudo, usual e próxima da realidade do leitor, facultando-lhe a compreensão. Sua abordagem trata do cotidiano dos adolescentes, relacionando-os com seus sentimentos mais comuns, e ao mesmo tempo, levando-os a refletir de forma crítica sobre quem são, que espaço social ocupam: “Eu vivo o Terceiro Mundo,/tanta injustiça me cerca!/A porta do meu futuro/tem jeito de ser aberta?/Este mundo, tão terceiro,/faz parte do Universo?” (2010: 27), e como lidam com os problemas da modernidade, associados à descoberta da sexualidade, das DSTs, capazes de se sobrepor nas preocupações mundanas a algo sublime, como o amor: “[...]/Do amor só entendeste/que a Aids é a nova peste?” (2010: 29). Seus temas, então, próprios da literatura *crossover*, são fraturantes (RAMOS: NAVAS, 2015). Também, pela leitura, nota-se a ampliação dos significados do poema, por meio da dialogia. Um exemplo pode ser notado na estrofe XV, que dialoga com o poema “Vou-me embora para Pasárgada”, de Manuel Bandeira, lembrando que o desejo de “partir”, pelo viés poético, é motivado tanto por ideologia, quanto por frustrações diversas, como a não aceitação da realidade ou a ausência de reciprocidade nos sentimentos: “Vou m’embora, vou’embora/e já fui... e nem parti./Trago a saudade de tudo/que ainda não vivi./Meu peito se parte inteiro/de tanto eu te querer bem!” (ORTHOFF, 2010: 37).

A obra poética de Orthof mistura imagens, cores e poesia, mexendo com a fantasia de seus leitores, com suas nostalgias frente a fatos passados ou da

própria realidade em que se encontram. Seus temas, como a injustiça relacionada ao Terceiro Mundo⁴, a AIDS e a liberdade, são atuais e tratados de forma crítica. Nota-se, pela leitura, que ao se comunicar com o público jovem, Sylvia Orthof traz para a produção poética suas emoções e valores, sua subjetividade. Assim, ao tratar dos desejos de paz e trabalho, evoca sua própria história, como filha de pais judeus que fugiram para o Brasil entre as duas guerras mundiais, a fim de obter harmonia e justiça social.

Orthof encerra seu poema como um conselho do “eu lírico” para o leitor, o de manter e valorizar sua liberdade: “[...]/Por onde fores,/ai,/por onde andares,/leva contigo/a tua liberdade!” (2010: 45). A escritora procura libertar seus leitores através da palavra em desvio, com efeitos poéticos, mas sobretudo, emancipatórios, pois amplia suas concepções acerca do emprego da língua. Para quem vivenciou as repressões e a ausência de liberdade de expressão do período da Ditadura militar no Brasil, a possibilidade de se comunicar, manifestar opiniões e pensamentos, é um valor inestimável. A obra *Adolescente Poesia* configura-se com uma estética libertária, cuja autora se revela e solicita revelação de seu leitor, pela identificação, reflexão e humanização, que só a palavra poética é capaz de suscitar. Seu livro, pelo caráter universal da temática, embora escrito para o público brasileiro e jovem, ultrapassa fronteiras, idades e perpetua-se através dos tempos.

POESIA ENTRE FLORES E BICHOS

O livro poético *Estação dos bichos*, de Alice Ruiz S. e Camila Jabur (2011), ilustrado por Fê, é composto por haicais literários que buscam retratar a natureza. Esses textos, por sua vez, compõem-se por versos despojados de adereços, que não revelam preocupação com esquemas de rimas, apenas com a valorização da sonoridade. Segundo Rosa Clementi (2008 apud FRANCHETTI, 2015), a inserção do haikai⁵ no Brasil deveu-se à contribuição de Afrânio Peixoto, de Guilherme de Almeida e a da imigração japonesa.

⁴Vale destacar que a expressão Terceiro Mundo, embora tenha surgido no período da Guerra Fria, para dividir o mundo em três categorias, cabendo à terceira os países que não estavam nem do lado dos Estados Unidos, nem da União Republicana Socialista Soviética (URSS), atualmente, refere-se à questão econômica, aos países que possuem uma economia subdesenvolvida ou em desenvolvimento.

⁵Conforme verbete de Carlos Ceia (2017), haiku ou haikai ou haikai é uma: “Breve composição poética, de origem japonesa (também chamada hokku, haikai ou haikai) que se funda nas relações profundas entre homem e natureza; e obedece à estrutura formal de 17 sílabas ou fonemas, distribuídos em 3 versos. O fundamento filosófico do haiku é o preceito budista de que

Nota-se, em seus versos, que prevalece a preocupação das poetisas com a difícil arte de captar a beleza da fugacidade do instante, sem abrir mão da delicadeza e do humor: “comida para as galinhas/na ida um bando/na volta sozinha” ARS (2011: 59); “manhã com os gansos/levo pão nos bolsos/volto mais leve” CJ (2011: 58). Para tanto, elas optam pela construção de imagens plásticas, configuradas por meio da metonímia na descrição da natureza e de ações realizadas por crianças, adultos e/ou animais em diferentes estações do ano: primavera, verão, outono e inverno. Em suas descrições, nota-se a presença do discurso feminino, inserido no universo cotidiano e mundano; ausência de adjetivação em favor do predomínio do substantivo que nomeia seres diversos, pessoas e hábitos, todos em harmonia, mesmo quando não percebem, com as estações do ano. Assim, embora os seres não se alterem, seu comportamento muda quando motivado pelas mudanças climáticas. Justifica-se, então, o título do livro.

Alice Ruiz, poeta e haicista, nasceu em Curitiba, Paraná, em 22 de janeiro de 1946. Conforme site oficial da escritora (ALICE RUIZ, 2015), começou a escrever contos aos nove anos de idade e versos, aos 16. Aos 22 anos de idade, casou com Paulo Leminski e com 26 anos, publicou seus primeiros poemas em revistas e jornais culturais, além disso, já compunha letras de músicas. Seu primeiro livro foi lançado com 34 anos. Nos anos 1980, Ruiz encantou-se com os haicais e passou a estudá-los, bem como seus temas e poetas, traduzindo livros de autores e autoras japonesas. Além de várias obras publicadas, a escritora possui mais de 50 músicas gravadas por parceiros e intérpretes, também ganhou vários prêmios, incluindo o Jabuti de Poesia, de 1989, pelo livro *Vice Versos*, e o Jabuti de Poesia, de 2009, pelo livro *Dois em um*. Na segunda orelha da obra, os dados biográficos de Ruiz apresentam-na com fins publicitários, com produções premiadas. Apesar disso, esses dados podem cativar o jovem leitor, pois próximos ao seu perfil e cômicos: “Já é avó, mas não abre mão da alma de menina. [...]. Vive para as ideias, mas não aceita o título de intelectual. Trabalha muito, mas produz melhor na preguiça.” (SEGUNDA ORELHA, In: RUIZ S.; JABUR, 2011).

Os dados biográficos de Camila Jabur, na segunda orelha do livro, têm os mesmos objetivos de aproximá-la de seu leitor e encantá-lo com sua visão do mundo. Assim, por meio deles, sabe-se que a autora nasceu no dia nove de agosto de 1972, em Jardinópolis, interior de São Paulo e, aos quinze anos,

tudo neste mundo é transitório e que o importante é saber-mos feitos de mudanças contínuas como a natureza e as estações (primavera, verão, outono e inverno).”

apaixonara-se “[...] pelo vento e pela astrologia, porque a poesia sempre esteve lá. Desde então, dedica-se a eles.” (SEGUNDA ORELHA, In: RUIZ S.; JABUR, 2011). Estudou Psicologia e se formou em Filosofia pela Universidade de São Paulo – USP. Aos 19 anos, encontrou-se com o haicai, junto dele acabou encontrando Alice Ruiz. Recebeu prêmios diversos pela sua produção. Em 2010, reencontrou a amiga Ruiz e ambas escreveram o livro em questão.

Como se pode notar, as biografias das autoras, dispostas na orelha final do livro, conferem-lhes discurso de autoridade por destacarem suas outras produções, algumas inclusive premiadas, bem como sua competência para a produção poética, em especial, a de haicais. A obra de ambas é atraente para o jovem leitor pela temática e literariedade dos textos, bem como pela dialogia que os haicais de Alice Ruiz S. e Camila Jabur estabelecem entre si. Ambos são construídos sobre um mesmo motivo, mas com perspectivas diversas. Assim, a cada abertura de página, aparecem dois haicais; um de cada escritora, em folhas dispostas lado a lado. Estes, por sua vez, são acompanhados ora por uma, ora por duas ilustrações em cores que, também, são cativantes para o leitor, pois dialogam com os textos que acompanham, elucidando-os e os enriquecendo. Elas têm a intenção de instigar o leitor, pois são compostas ora pela sobreposição de elementos figurativos, como desenhos, traços e riscos; ora pela dissolução da imagem; e ora pela mescla entre cor e ausência dela.

O projeto gráfico editorial da obra é cativante para o jovem e também para o adulto, assim como seus temas. Sua organização interna, suas ilustrações, sua capa e contracapa, apresentam coerência em torno da temática da natureza, mais especificamente, das estações do ano. Suas folhas com fundo branco, sobre as quais aparecem ilustrações ricamente coloridas, podem conferir a sensação de tranquilidade para o olhar do leitor. Como suas ilustrações são minimalistas, produzem efeito de delicadeza e, pelas cores intensas, de vida em vibração. Justamente, por isso evocam emoções em públicos diversos, incluindo a obra na literatura *crossover* (RAMOS; NAVAS, 2015) ou “de fronteira” (YUNES, 2013).

A capa, marcada pelo minimalismo na representação de pequenas flores e de pequenos animais ou de partes deles, é coerente com o conceito de criação do haicai, que busca se filiar à natureza e representá-la de forma significativa, por meio da máxima economia de palavras. As ilustrações de animais em torno do título também o justificam, pois conotam que se trata da estação deles, ou seja, como parte da natureza, eles são motivos para a criação poética. A quarta

capa pode cativar pela apresentação de animais e, também, é coerente com o título. Suas ilustrações remetem ao campo, e suas representações lacunadas em suas cores de alguns animais, conotam que a concretude deles se encontra no texto verbal. Um exemplo pode ser visto nas ilustrações de uma cabeça de gato olhando para baixo, seguida por uma mancha azul que tem, ao seu término, um peixe representado como incompleto em suas cores e olhando para cima, na direção do gato. A imagem adquire sentido, pela leitura do haikai: “o gato mata a sede/na água do aquário/o peixe encara” ARS (2011: 47). O cenário rural da obra aparece em vários haicais. Dois exemplos podem ser vistos logo na quarta capa: “na cozinha vazia/a visita da abelha/dia de feira” ARS; “casa do sítio/sonhando entre os livros/morceguinho pendurado” CJ (RUIZ S.; JABUR, 2011).

O texto de abertura da obra, escrito por Alice Ruiz S., explica a origem do haikai e o elucida enquanto gênero poético, cuja fonte de inspiração “[...] é sempre a natureza” (2011: 7), e seus elementos, como plantas, nuvens, estrelas, pôr do sol, lua, chuva, animais, entre outros. Ele instiga o leitor a buscar a estação do ano representada em cada haikai, afirmando que, como esta nem sempre “[...] é explícita” (2011: 7), algumas vezes, aparece somente insinuada. Com esta estratégia, as autoras estabelecem a comunicabilidade com o leitor que, por sua vez, assume uma atitude produtiva na busca de concretude para os poemas (ISER, 1999).

A primeira orelha da obra, escrita por Edith Derdyk, elucida para o leitor o termo “estação” em desvio, fora de seu significado usual: “estação: parar para pausar, esperar para continuar, ir para pousar, vir para ver;” (RUIZ S.; JABUR, 2011). Por meio dessa definição, busca-se cativar, nessa orelha, o leitor para o surpreendente nas imagens dos poemas das autoras que, uma vez lidas, passam a incorporar o seu imaginário: “[...] e cada vez que lemos as imagens que vemos das palavras que nascem dos haikais: outras naturezas de ser de cada bicho estacionam em nós; e assim habitamos a nossa natureza; a estação de tantos e de todos e de cada um dos bichos nos ampara;” (RUIZ S.; JABUR, 2011).

Como a obra de Orthof, a de Ruiz e Jabur, também, explora recursos expressivos no tratamento dado ao tema da natureza; e sua linguagem, marcada pela economia e pela simplicidade, é adequada ao jovem leitor. Seus haicais são literários e compostos por versos simples que, embora sejam descompromissados com esquemas de rimas, valorizam a sonoridade, por meio de aliterações, assonâncias e palavras parônimas: “pousada no

trinco/pequena mariposa/abro a porta ou brinco?” ARS (2011: 24) e “minha casa vazia/lagartixa no teto/primeira companhia” CJ (2011: 26). Por meio de seus versos, as autoras captam, utilizando-se do recurso da metonímia, da plasticidade e da sinestesia, a beleza cotidiana e fugaz do instante: “atrás do galinheiro/saltitando ao sol/crianças e pipocas” CJ (2011: 11); “a vazante semeia/caramujos flutuantes/que a cheia colhe” ARS (2011: 56); “restos de perfume/da noite anterior/para a abelha sou flor” ARS (2011: 18).

Além de desautomatizar o olhar do jovem leitor, pela revelação de aspectos inusitados sobre a realidade circundante, a obra, ao apresentar-lhe textos poéticos que, pelo lirismo e trabalho estético, mimetizam o equilíbrio e a harmonia da natureza, também pode convocá-lo à reflexão acerca do aprisionamento dos animais: “vermelhos, brancos, pretos/dentro do aquário/todos os peixes são pardos” ARS (2011: 29); “o condor olha/o espaço fugir/pelos vãos da jaula” CJ (2011: 29). Os haicais, de forma cômica, também mobilizam o leitor a conhecer outros textos que retratem a cultura japonesa: “cerimônia do chá/três convidados/e um mosquito” ARS (2011: 9). Assim, *Estação dos bichos* propicia para o jovem uma experiência significativa de leitura autônoma ou mediada. A temática da natureza é atraente para o jovem leitor e seu tratamento revela-se emancipatório, pois o convoca, pela leitura, a rever seus conceitos associados ao aprisionamento de animais. Tanto o texto verbal, quanto o não verbal dialogam entre si e se complementam, aliás, um amplia o sentido do outro.

O livro expande, ainda, as referências estéticas e culturais do leitor, ao lhe apresentar textos literários, dialógicos, cômicos e líricos. O jogo sonoro utilizado pelas autoras, bem como as figuras de linguagem de que se apropriam na representação de imagens, mimetizam, no plano verbal, o equilíbrio e a harmonia que reconhecem na natureza. Seu efeito de sentido, possivelmente, leva o leitor a desautomatizar o olhar, ou seja, a ver com olhos poéticos a realidade que o cerca. O único aspecto negativo do projeto-editorial recai na ausência de dados biográficos sobre o ilustrador, pois se sabe, na contemporaneidade, que seu trabalho é, pela dialogia com o texto verbal, de coautoria.

Na obra de Ruiz e Jabur, percebe-se que a palavra em desvio poético instaura silêncios e produz imagens para o olhar. Assim, pela leitura, o jovem pode ampliar seu imaginário e realizar um exercício interpretativo. Dessa comunicabilidade, justamente, advém seu prazer na leitura, pois sente-se copartícipe da obra. O livro não possui marcação temporal, contudo, como seus

temas são universais, rompem barreiras diversas e perpetuam-se em forma poética.

POESIA E SONHOS

O terceiro livro, *O mar e os sonhos*, escrito por Roseana Murray (2011)⁶, e ilustrado por Elvira Vigna, como seu título indica, possui como temática os sentimentos, as emoções e os devaneios que o mar e suas representações deflagram no “eu lírico”: “No fundo do mar oceano/os peixes dão de comer/ao sonhos.” (“Sonhos”, In: MURRAY, 2011: 39). Trata-se de uma obra composta por uma coletânea de poemas marcados pela plasticidade nas imagens, pela metáfora, hipérbole, prosopopeia e sinestesia, com o fito de sensibilizar seu leitor: “As conchas ouvem música [...]” (“as conchas”, In: MURRAY, 2011: 17); e, além disso, resgatar sua memória afetiva, em especial, a da infância, com seus sonhos, mistérios e medos: “Os piratas partem./É noite escura./O mar está fechado,/sombrio./A lua quando vê/a sinistra caravela,/foge com suas velas/para outros firmamentos./Os piratas/recolhem as amarras,/soltam suas pragas,/e o barco zarpa/assombrando a nossa infância.” (MURRAY, 2011: 20).

Como recurso para a construção de imagens, Murray utiliza-se de comparações, além de metáforas: “As mãos são ágeis/como borboletas voando/em dança mágica./As mãos são tão ágeis/tecendo a teia/que parecem separadas do corpo.” (“A rede”, In: MURRAY, 2011: 9). Confere ênfase a essa construção, o uso de aliteração em /s/, evocando ritmo, sincronia e agilidade dessas mãos que, na velocidade do lidar com a rede de pesca, produzem o som sibilante da fibra roçando a pele dos pescadores. Pela leitura da obra, o jovem possivelmente percebe que a produção da autora define-se, como afirma Nelly Novaes Coelho (1995: 991), pela extrema sensibilidade e pelo espírito lúdico, qualidades que a torna atraente para públicos de diversas idades, classificando como *crossover*. Sua competência artística permite ao seu leitor encantar-se, podendo levá-lo a redescobrir a magia no mundano e dentro de si, no seu próprio imaginário: “No fundo do mar oceano/dorme Atlântida,/o continente pedido,/suas ruas de ouro/por onde passeiam sereias.” (“Sonhos”, In: MURRAY, 2011: 38).

⁶Cabe destacar, que o livro *O mar e os sonhos*, assim como *Estação dos bichos*, foram lançados em 2011, ano em que tivemos pela primeira vez uma mulher como Presidente da República no Brasil, significando mais uma vitória das muitas conquistas das mulheres brasileiras.

Suas ilustrações, ricamente coloridas e intensas, produzem atmosfera marítima, ao figurarem: gaivotas, navios, peixes, mar encrespado, entre outros elementos. Pelas camadas sobrepostas de tinta que apresentam, as quais lhes conferem relevo para o olhar do jovem leitor, são cativantes, além de remeterem às aquarelas. Sua capa, com fundo branco, é atraente para o jovem, pois apresenta uma embarcação em vermelho intenso no mar encrespado, com gaivotas à volta, indicando que, ao abrir o livro, tem início a viagem, a aventura, contudo, onírica, pois como seu título indica, no universo dos sonhos. Contudo, do mesmo modo que as outras obras analisadas aqui, cabe ressaltar sobre o uso do paratexto presente na quarta capa da obra, usado com o objetivo de vender o livro, contendo dados biográficos da autora e da ilustradora. Seu texto confere discurso de autoridade para ambas, pela vasta produção e reconhecimento nas premiações, porém mesmo tendo essa qualidade, o texto dessa capa é protocolar e pode não chamar a atenção do jovem leitor.

Roseana Murray nasceu em 27 de dezembro de 1950, no Rio de Janeiro, e graduou-se em Literatura e Língua Francesa em 1973. Publicou seu primeiro livro infantil em 1980 e prosseguiu com sua produção que, graças ao reconhecimento, já foi traduzida para várias línguas. Conforme site oficial da escritora (ROSEANA MURRAY, 2015), recebeu o prêmio *O melhor de Poesia* da FNLIJ, em 1986, pela obra *Fruta no Ponto*; em 1994 por *Tantos Medos e Outras Coragens*, em 1997 por *Receitas de Olhar* e em 2013 por *Diário da Montanha*. Em 1990, recebeu o Prêmio Associação Paulista de Críticos de Arte pelo livro *Artes e Ofícios*. Em 1994, entrou para a Lista de Honra do I.B.B.Y com *Tantos Medos e Outras Coragens*. Em 2002, recebeu o Prêmio Academia Brasileira de Letras por *Jardins*, considerado o melhor livro infantil do ano. Ao longo dos anos, participou de vários projetos de leitura. Em 2003, implantou em Saquarema, com a Secretaria Municipal de Educação, o “Projeto Saquarema, Uma Onda de Leitura”.

Murray, por meio de sua obra, desautomatiza as concepções de uso da língua para o jovem leitor, revelando-a dotada de riquezas imagéticas, ao tratar de forma poética de: gaivotas, peixes, baleias, castelos de areia, conchas, porto, piratas, entre outros elementos marítimos. Seus textos estabelecem dialogia com outras obras, ao fazer remissão a personagens como Robinson Crusóe, obra homônima, escrita por Daniel Defoe; e Ofélia, personagem de *Hamlet*, de Shakespeare. Além disso, recupera lendas e mitos associados ao mar, como o holandês voador, o rei Netuno e as sereias. Desse modo, amplia as referências estéticas e culturais de seu leitor, além de estabelecer

comunicabilidade (ISER, 1999 e 1996), pelo suscitar do emprego de sua memória cultural durante a leitura.

Pelo viés poético, os poemas de Murray são emancipatórios, pois despertam a reflexão em seus leitores acerca das emoções humanas e do que as deflagram, no caso, uma sensação, uma impressão, em especial, a memória. Justamente, por esta abordagem sensível e pela competência no fazer estético, seu texto é capaz de comover os leitores de todas as idades, permitindo-lhes identificação e resgate de sua porção mais humana: “Por entre os dedos/a areia escorre,/o tempo escorre./escorre os pensamentos./Por entre os dedos/vão passando sonhos,/castelos, estradas encantadas,/milhares grutas douradas/onde dorme tesouros. [...]” (“Castelos de areia”, In: MURRAY, 2011: 15). Sua obra permite sensibilizar o leitor e, justamente por isto, humanizá-lo, podendo ampliar seu imaginário, rever seus conceitos sobre o uso da linguagem, resgatar sua criatividade e, em especial, sua memória afetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos títulos do acervo do PNBE 2013, destinado às séries finais do Ensino Fundamental, nota-se que, nas bibliotecas ou salas de leitura das escolas públicas, há uma oferta de gêneros variados e de obras com qualidades estéticas, justamente por isto, emancipatórias, pois convidam seu leitor, conforme Roland Barthes (1988) e Norberto Perkoski (2005), a “levantar a os olhos do texto” – a refletir de forma crítica – a rever hipóteses e ampliar seus horizontes de expectativa (ISER, 1999). Essa reflexão é deflagrada pela fruição estética que, entrelaçada à imagem, desperta a imaginação e emoção do leitor, gerando um conhecimento proveniente do afluxo de ideias, deduções, analogias e sínteses.

Apesar disto, há mais obras de autoria masculina do gênero poema do que feminina. Acredita-se que, embora este fato resulte das próprias submissões feitas pelas editoras ao Programa, a produção literária do gênero poema de autoria feminina ainda não possui número de títulos equivalente à de autoria masculina. Corroboram esses dados sobre falta de equidade, o número reduzido de mulheres que conseguem reconhecimento no campo literário. Por exemplo, o Prêmio Nobel de Literatura contemplou, de 1901 até 2017, 100 homens, mas somente 13 mulheres (ESTADÃO.EDU, 2017). Na categoria “Poesia”, de 2013 a 2016, nenhuma mulher foi premiada com o Jabuti (PRÊMIO JABUTI, 2017). Isto reflete anos de repressão social, histórica e política da mulher no Brasil. Se as mulheres já conquistaram espaços sociais,

nem por isso, podem acomodar-se, pois muito há para ser feito no campo da produção literária e da cultura.

A grande problemática com o gênero poema recai no fato de ser pouco trabalhado nas escolas, pois os professores, talvez, por falta de preparo, preferem trabalhar outros gêneros literários, em especial, o romance, o conto, a fábula e a lenda. Vale lembrar que a existência dos acervos do PNBE não assegura a leitura das obras que o compõem. Faz-se necessário investimento na formação de mediadores de leitura.

Pelas análises, pôde-se reconhecer a construção de identidade como “marca” da escrita feminina. De acordo com Ramos e Marangoni, “[...] carregar peso é, geralmente, tarefa destinada à figura masculina. Porém, quando o cargo instala-se na subjetividade, o sujeito feminino tende a assumir a tarefa de nomear, transportar e redistribuir os afetos” (2013: 94). Justamente, nas obras analisadas, pôde-se visualizar esse transporte e redistribuição de afetos manifestos no plano da linguagem carregada de subjetividade. Deduz-se, por essas análises, que as marcas não estão somente na representação e autorrepresentação da subjetividade feminina, elas avultam também nas entrelinhas, na vivência da mulher que busca, em sua produção literária, sensibilizar, conscientizar e, assim, emancipar seu leitor, no caso, o jovem.

Com relação aos livros analisados, pertencentes ao gênero poema, constatou-se que promovem a reflexão crítica. Ao aproximá-las em busca das “voz” feminina manifesta nessa produção literária, pôde-se notar sensibilidade aguçada no tratamento de temas que atraem leitores de todas as idades; valoração da simplicidade, revelando o encantamento que o mundano pode provocar; exploração do lúdico e do humor; consideração pelo leitor manifesta nos vazios que suscitam interação e promovem a comunicabilidade; desejo de aproximação, pela identificação com as emoções do “eu lírico”; resgate de sua criatividade e de memória afetiva, suas porções mais humanas.

Essa comunicabilidade em seus textos, por suscitar reflexão crítica do jovem leitor, pode levá-lo a rever seus conceitos prévios sobre relações de poder em sociedade, permitindo-lhe ampliar seus horizontes de expectativa. Além disso, o valor estético dos poemas que compõem os livros faculta a ele rever concepções preconceituosas sobre obras escritas por mulheres que, como afirma Vera Lúcia Dietzel (2002), são definidas como não literárias, apenas de valor documental e/ou panfletário, associadas a um marxismo vulgar. As obras dessas mulheres, sem desconsiderar as heranças sociais, literárias e culturais, subvertem em seu discurso a condição do silenciado. Nesse exercício,

nota-se que seus poemas problematizam a contemporaneidade, sem deixar de expor sua subjetividade e firmar sua identidade, historicamente marcada, como a de outras escritoras, pela resistência. Nessa exploração da temática identitária, seus textos convocam, pelo viés crítico, o jovem leitor a tanto atribuir sentidos ao que lê, quanto a si mesmo e ao seu entorno político e sócio-histórico.

Pelas análises dessas obras, notou-se que, nas produções poéticas, há “vozes” desejosas por se firmar, em razão de seu histórico apagamento. Por meio de um processo de subjetivação, há nas obras analisadas uma estreita aproximação entre “eu poético” e “eu feminino”. As obras revelam o mesmo aspecto transgressor da escrita feminina, que Ramos e Marangoni detectaram em suas análises de obras poéticas infantis de autoria feminina que compõem os acervos do PNBE de 2010, pois fogem ao que é visível e concreto, com a finalidade de tratar do que é essencial, interior, “[...] sensorial e sensível na experiência do humano” (2013: 95). A transgressão avulta na linguagem híbrida própria da contemporaneidade que reflete, segundo Ítalo Moriconi (2014: 60), uma tensão entre a pulsão “[...] voltada para tornar impura a língua culta canônica e outra voltada para purificar ou essencializar a língua banal”, do cotidiano.

Vale destacar, portanto, a importância dessas obras no acervo do PNBE, enquanto meios de assegurar a constituição da subjetividade e da memória, o acesso à cultura e à diversidade de percepção da realidade, sobretudo, de uso da linguagem em desvio poético.

REFERÊNCIAS

ALICE RUIZ, MPBNET. Disponível em: <<http://www.aliceruiz.mpbnet.com.br/release.htm>>. Acesso em: 2 maio 2015.

BARTHES, Roland. Escrever a leitura. In.: _____. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BECKETT, Sandra L. *Crossover Fiction: Global and Historical Perspectives*. New York/London: Routledge, 2009.

BERENBLUM, Andréa. *Por uma política de formação de leitores*. Elaboração Andréa Berenblum e Jane Paiva. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: _____. *Dialética da colonização*. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p.308-344.

CECCANTINI, João L. C. T. (org.). *Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica: Assis, SP: ANEP, 2004.

CEIA, Carlos. *E-Dicionário de termos literários*. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6261/haiku/>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX*. 4.ed. rev. e ampl.. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

DIETZEL, Vera Lúcia. Recepção literária na Alemanha: entre o diálogo cultural e algumas escritoras brasileiras contemporâneas. In: SANTOS, Luísa Cristina dos (org.). *Literatura e mulher: das linhas às entrelinhas*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2002.

ESTADÃO.EDU. Mulheres na literatura – O descompasso entre presença e prestígio. Disponível em: <<http://educacao.estadao.com.br/blogs/colégio-equipe/mulheres-na-literatura-o-descompasso-entre-presenca-e-prestigio/>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

FERREIRA, Eliane Ap. G. R. *Construindo histórias de leitura: a leitura dialógica enquanto elemento de articulação no interior de uma biblioteca vivida*. Assis, 2009. 456p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

_____. Disponível em: <<<http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-dados-estatisticos>>>. Acesso em: 11 maio 2015.

FRANCHETTI, Paulo. 2008. O Haicai no Brasil. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v.10, n. 2, p. 256-269.

HUYSSSEN, Andreas. Introdução; A dialética oculta: vanguarda – tecnologia – cultura de massa. In: _____. *Memórias do Modernismo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997, p.7-40.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. JohannesKretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. JohannesKretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MACIEL, Francisca Isabel Pereira. O PNBE e o Ceale: de como semear leituras. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (orgs.). *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 7-20.

MARQUES, M.C. da C. *Saúde e poder: a emergência política da Aids/HIV no Brasil*. História, Ciência e Saúde – Manguinhos. Rio de Janeiro, v.9, p. 41-65, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12368&Itemid=574>. Acesso em: 30 jan. 2014.

MORICONI, Ítalo. Poesia e crítica, aqui e agora (ensaio de síntese e vocabulário). In: ANTUNES, Benedito; FERREIRA, Sandra. *50 anos depois: estudos literários no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p.57-66.

MURRAY, Roseana. *O mar e os sonhos*. Ilutr. Elvira Vigna. Belo Horizonte: Abacatte, 2011.

ORTHOFF, Sylvia. *Adolescente Poesia*. Rio de Janeiro: Rovel, 2010.

PAIVA, Aparecida. Selecionar é preciso, avaliar é fundamental: acervos de literatura para jovens leitores. In: Revista *Educação*, Porto Alegre, v. 35, n. 3, set./dez. 2012, p. 301-307.

PERKOSKI, Norberto. A leitura do texto poético: entre a fruição e a cognição. In.: OLMÍ, Alba; PERKOSKI, Norberto (Orgs.). *Leitura e cognição: uma abordagem transdisciplinar*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

PERROTTI, Edmir. *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo: Summus, 1990.

PNBE, VALORES DE AQUISIÇÃO. Disponível em: file:///D:/Downloads/pnbe_2013_valores_aquisicao.pdf. Acesso em: 25 jun. 2017.

PORTAL MEC. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12368&Itemid=574>. Acesso em: 30 jan. 2014.

_____. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola/acervos>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

PRÊMIO JABUTI. Disponível em: <http://premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao/>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

RAMOS, Ana Margarida; NAVAS, Diana. Narrativas juvenis: o fenômeno crossover nas literaturas portuguesa e brasileira. In: *Elos: Revista de Literatura Infantil e Juvenil*, n.2., 2015, p. 233-256.

RAMOS, Flávia B.; MARANGONI, Marli Cristina Tasca. O que dizem e como dizem as mulheres poetas no PNBE 2010? *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*. V.9, n.1, jan./jun.2013, p.91-107.

ROSEANA MURRAY Biografia. Disponível em: <http://www.roseanamurray.com/biografia.asp>>. Acesso em: 12 maio 2015.

RUIZ S., Alice; JABUR, Camila. *Estação dos bichos*. Ilustr. Fê. São Paulo: Iluminuras, 2011.

SCHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.23-57.

YUNES, Eliana. Literatura de fronteira: um caso sem ocaso (ou a escritura de Bartolomeu Campos de Queirós). *Revista Textura*, n.29, set./dez. 2013, p.123-131.

ZILBERMAN, Regina. Para o leitor, ao sabor do texto. In: PAULINO, Graça et al. *Tipos de textos, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

Recebido em 03/07/2016
Aprovado em 28/01/2017